



4066 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

DESCOLONIZAÇÃO DO PARADIGMA ENTRE O SER E O SABER: UM NOVO OLHAR PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
Fábio Julio de Souza - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de embasar um novo paradigma da educação escolar indígena e suas produções na América Latina, tema de pesquisa desenvolvido no mestrado no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Os autores *Boaventura de Souza Santos*, *Molefi Kete Asante* e *Ama Mazama* compõem o referencial teórico utilizado neste artigo. O diálogo entre os autores e o tema das produções escolares indígenas foram sendo construídos no decorrer do trabalho. Ao tratar de temas como teoria abismal, invisibilidade do Sul e excesso de valorização do eurocentrismo, os autores apresentam caminhos a serem seguidos na contramão de um paradigma dominante. Neles cabem os atores sociais tidos como invisíveis, e temas como a educação escolar indígena. Segundo Santos, Asante e Mazama, é necessária uma nova percepção da realidade, voltada para as origens, como para a afrocentricidade (Asante); ou para a ecologia de saberes e para uma epistemologia local (Santos). Dessa forma, a pesquisa sobre as produções da educação escolar indígena poderá ser percebida como uma contribuição epistemológica mais rica e voltada para os interesses e necessidades dos povos ameríndios.

Palavras chaves: Santos; Asante; Mazama.

Introdução

O diálogo de como descolonizar o saber e o ser permeia a construção deste trabalho como uma possível ferramenta para responder ao paradigma: O que se tem produzido sobre educação escolar indígena na América Latina nos últimos anos?

Para responder a essa pergunta utilizaremos alguns autores como Santos, Asante, Mazama com quem iremos dialogar em face à problemática das produções sobre a educação escolar indígena e as formas de descolonização do saber e do ser.

Em sua obra *Descolonizar el saber, reinventar el poder* Santos, 2010, apresenta uma reflexão a respeito das formas de produção do saber e como ele se dá, nos denominados países do Sul. Ele questiona essa epistemologia dogmática, eurocentrista e nos faz ver uma epistemologia a partir do Sul, com o Sul e para o Sul.

De igual maneira, Asante em seu texto *Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar*, discute uma epistemologia do lugar, com base em uma localização centrada na África e em sua diáspora.

Destacaremos também *Ama Mazama* que trabalha com o conceito de Afrocentricidade desenvolvido por *Asante*. Mazama demonstra como as teorias europeias fizeram para expressar sua superioridade e impor a mentalidade de que eram as únicas e universalmente reconhecidas. Essa supremacia branca, segundo o autor, perpassa por um processo social e econômico e submete milhões de pessoas.

Assim, o diálogo entre os autores escolhidos é importante por resgatar aspectos que podem embasar o estudo do paradigma da educação escolar indígena, podendo auxiliar na discussão crítica a respeito das produções, da descolonização do saber e da valorização do saber local.

Do pensamento abismal, Afrocentricidade, para uma ecologia de saberes e produções escolares indígenas.

O que se tem produzido na América Latina em termos de educação escolar indígena nos últimos anos? Esta é uma pergunta que abre os olhos e faz enxergar uma realidade muitas vezes invisível em nossa sociedade em geral e na academia em particular.

Sabe-se que a escola, a igreja e outras instituições coloniais foram impostas no universo indígena como uma forma deliberada de enfraquecimento dos elementos culturais autóctones. Nessa percepção, as produções escritas (livros, bíblia, materiais didáticos etc.) tiveram um importante papel na manutenção e difusão dos ideais coloniais. Porém, de onde são retirados os elementos que a sustentam a dominação até os dias atuais? A que tipo de interesses responde? O que sabemos sobre as produções escolares, religiosas e acadêmicas? Quais os elementos que estes materiais têm trazido como contribuição social e para a realidade indígena? Estas são algumas das questões que precisam ser aprofundadas para compreender melhor a colonialidade no âmbito das sociedades indígenas ameríndias. Essa problematização preliminar foi possível com os estudos no curso sobre a "construção do objeto de pesquisa", em que esbocei uma aproximação com os autores e seus respectivos estudos.

Nas proposições e debates de *Santos*, *Asante* e *Mazama*, foi possível encontrar pontos de sustentação e embasamento para o estudo acerca da educação escolar indígena. Obviamente, outras questões ainda persistem, uma vez que não tratam desse tema particular de estudo. Ainda assim, fornecem dados e elementos para a sustentação daquela temática.

Iniciamos com *Boaventura de Souza Santos*, quando sugere que o pensamento ocidental moderno é um pensamento abismal (SANTOS, 2010), com duas vertentes, a visível e a invisível (que sustenta a primeira). Para o autor, a modernidade ocidental é um paradigma fundamentado na regulação social e na emancipação social que expressam a verdadeira distinção entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais. Um possível exemplo dessa realidade é a invisibilidade das populações indígenas em vários contextos do mundo moderno, explicitamente, na produção científica global, da qual elas são consumidoras.

Santos trata também da dicotomia entre a regulação e a emancipação. Para ele, a emancipação se fez possível apenas do lado de cima da linha, (o norte), enquanto que do lado sul, ocorreu a regulação, a apropriação e a violência, coisa que os povos indígenas e

afrodescendentes sofreram e sofrem até hoje. Como fundamento e base dessa dicotomia estão o conhecimento moderno e o direito moderno. A ciência moderna cria e monopoliza verdades que são universalizadas como a única forma de saber, como o único saber aceitável. É um trabalho de desconstrução, de um des pensar para pensar (SANTOS, 2010).

Asante, de sua parte, alerta que

Com exceção de um número limitado de pensadores progressistas - reduziram os africanos à condição de seres indefesos, inferiores, não-humanos, de segunda classe, como se não fizessem parte da história humana e fossem, em algumas situações, selvagens. Essas contribuições europeias ao léxico da história africana ainda dominam em certos casos, criando um problema no mundo intelectual e na literatura acadêmica (Asante, 2009:99).

Em seus escritos sobre a afrocentricidade, o autor destaca a importância da consciência de africano e a consciência do movimento negro em outros continentes. Trata-se de uma consciência de pertencimento e de história, que valoriza a resistência cultural, política e econômica.

Um pensar baseado apenas no modelo eurocêntrico responde a uma demanda de mercado que, certamente, não é neutra. Trata-se de uma construção de séculos, que provoca um distanciamento crescente entre a teoria e a prática, especialmente porque, nos modelos neoliberais, não se permite algo de novo, sem colocá-lo em dúvida.

Boaventura abre sua obra questionando o fim do capitalismo e a dificuldade de se pensar um mundo político sem o capitalismo. Com isso, ele apresenta algumas formas desse pensar a partir de movimentos de esquerda, e, aquelas que seguem um caminho junto ao capitalismo, buscando uma melhor distribuição de riquezas, sobretudo aos grupos sociais mais vulneráveis. Trata-se de uma socialdemocracia como se vivenciou no Brasil, durante o governo Lula, no qual se praticou uma economia nacionalista mitigada, mas ao lado da economia global ortodoxa, do capitalismo mundial.

Uma outra vertente que busca se opor a essa forma capitalista dominante é o que podemos denominar a socialista, não aquela corrente do século passado, mas uma nova forma, conhecida como o socialismo do século XXI. Essa corrente é representada em países como Bolívia, Venezuela e Equador.

De início o autor apresenta uma reflexão que diz, *“si los gobierno imaginan el poscapitalismo a partir del capitalismo, los movimientos indígenas imaginan el poscapitalismo a partir del precapitalismo. Pero ni unos ni otros imaginan el capitalismo sin el colonialismo interno”*(SANTOS, 2010:12).

Crítica semelhante faz Asante quando coloca a ideia de conscientização sobre *aagência dos povos africanos*. Agência para ele é a utilização dos recursos psicológicos e culturais para a liberdade humana.

Com relação as produções escolares indígenas temos ainda poucos sinais de movimentos organizados, além de movimentos religiosos ligados a causa e alguns países que se destacam mais ou menos.

Esta dificuldade de imaginar o fim do capitalismo (ou, inversamente, o capitalismo sem fim...), forma parte de uma crítica que é suplantada pela ideia que o capitalismo persistirá, ainda que de forma internalizada. Os desafios de uma imaginação política progressista e libertadora, de um pós-capitalismo e um pós-colonialismo têm marcado o momento nos países latino-americanos. Na atualidade, o movimento político parece avançar mais fustigado pelos movimentos negros, indígenas, camponeses, sem-terra, feministas, LGBTQ, Teologia da Libertação etc. do que, propriamente, pelos parlamentos, judiciário ou programas governamentais.

Esses avanços não foram previstos pelas teorias críticas ao eurocentrista. Os movimentos se organizaram, seja em lugares remotos como nas alturas dos Andes, ou na selva Amazônica, e expressaram suas lutas e suas crenças muitas vezes nas línguas nativas, realçando valores como dignidade, respeito, território, autogoverno, o bem viver e a mãe terra, (SANTOS,2010). Tudo isto demonstrou uma discrepância entre as teorias clássicas esquerdistas e a prática social concreta.

O problema central desse distanciamento é que as teorias críticas eurocêntricas foram criadas em países como Alemanha, França, Inglaterra, Rússia e Itália, e tinham como pressuposto responder à realidade vivida naqueles países. Os países latino-americanos estão muito distantes daquelas realidades, que são construídas baseando-se no conhecimento popular, ancestral, espiritual, que vão muito além da crítica ao eurocentrismo. Nesse sentido, Santos propõe a adoção de um pensamento alternativo de alternativas (2010) e sugere um modelo denominado cosmopolitismo subalterno.

El cosmopolitismo subalterno se manifiesta a través de iniciativa e movimientos que constituyen la globalización contrahegemónica. Consiste en el conjunto extenso de redes, iniciativas, organizaciones y movimientos que luchan contra la exclusión económica, social, política y cultural generada por la encarnación más reciente (SANTOS, 2010:47).

Segundo o autor, desde o começo do novo século o Fórum Social Mundial realizado diversas vezes no Brasil, é a expressão mais realizada de globalização contra hegemônica e cosmopolitismo subalterno. Destaca ainda que dentre os movimentos sociais partícipes, o movimento indígena com suas expressões e práticas representam a maior emergência de pensamentos pós abismais. Eles são a população paradigmática do outro lado da linha, o campo histórico do paradigma da apropriação e da violência (2010).

Essa invisibilidade dos saberes indígenas faz parte do projeto de pesquisa em que analiso as produções acadêmicas e editoriais realizadas na América Latina, nos últimos anos, especialmente sobre o tema educação escolar indígena. Com ele, pretendo dar visibilidade a essas produções e fazer uma análise crítica sobre o tema, de modo a responder a algumas das questões suscitadas pelos autores no presente texto.

A respeito da realidade indígena *Asante* e *Ama Mazama* não mencionam como se dá a imposição das ideias eurocentristas, embora os conceitos possam ser aplicados a realidade indígena. Ele também relata sobre a negação do racismo especialmente no Brasil, como uma forma de negação da supremacia branca levando o conformismo com a realidade vivida. Casos podemos exemplificar quando negros criticam as poucas políticas públicas que visam a equidade de direitos e oportunidades para os mesmos, que foram criadas nos últimos governos.

Uma questão que ambos levantam diz respeito ao novo paradigma da Afrocentricidade Trata-se de recorrer a cultura e a histórica para extrair critérios para avaliar a experiência africana (MAZAMA, 2009). Examinar os pressupostos, conceitos, metodologias e as teorias

desse paradigma afrocêntrico. Santos também cita a necessidade do paradigma indígena como uma forma de enfrentar a invisibilidade provocada pelo processo apropriação/violência. Essas ideias corroboram meu objeto de estudo, que é cujo objetivo central é catalogar e analisar as produções escolares indígenas, dar visibilidade ao que se tem produzido nos últimos anos.

Em vista disso, verifica-se que o protagonismo indígena, bem como a visibilidade das produções, precisam ser fortalecidos para que cada vez mais surjam alternativas ao modelo eurocêntrico tido como universal.

Ao discutir a *ecologia de saberes*, Santos elabora a noção de diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento de uma epistemologia além do conhecimento científico. Ela persegue em prover uma consistência epistemológica para um pensamento propositivo e pluralista. Uma forma de conhecimento utópica de interconhecimento, onde se aprende sem esquecer outras formas de conhecimento. Não se trata de negar ou desmerecer o conhecimento produzido cientificamente, mas de valorizar o saber comum, fruto da realidade vivida por muitas gerações, que tem seu valor e sua história embora não esteja balizado e medido pelo saber epistemológico universalmente válido.

O autor sugere ainda que a ecologia de saberes é uma epistemologia desestabilizadora até o ponto que se compromete em uma crítica radical das políticas do possível sem se render a uma política do impossível. Com isto, ele aventa a possibilidade de se ter como centro uma *acción-con-clinamen*, que ele define a partir de *Epicuro e Lucrecio* (como o inexplicável altera as relações de causa efeito). *Oclinamen* é o que faz com que os átomos deixem de parecer como inertes e sejam vistos como um poder de inclinação, um poder criativo, isto é, um poder de movimento espontâneo (Epicuro, 1926; Lucrecio, 1950) (SANTOS, 2010:59).

Dessa forma, os autores trabalhados buscam desenvolver esse pensamento desde o Sul. Desde a realidade da linha da apropriação/violência que tanto sofreram os povos indígenas, os africanos trazidos para América, e hoje pelas lutas invisíveis dos que estão do outro lado da linha como bem exemplifica Boaventura de Souza Santos. Trata-se de uma valoração de um conhecimento que é imbuído de história e epistemologia do local, no local, para o global. Um conhecimento sistematizado e valorizado a partir da realidade indígena da América Latina, como bem estimula *Boaventura, Asante e Mazama*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASANTE, Molefe Kete, *Afrocentricidade; notas sobre uma posição disciplinar*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin: *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*; São Paulo; Selo Negro.2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4) Págs:93-110.

MAZAMA, Ama. *A Afrocentricidade como um novo paradigma*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin, *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*; São Paulo; Selo Negro.2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4) Págs:111-127.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*; Uruguay: Ediciones Trilce, 2010.